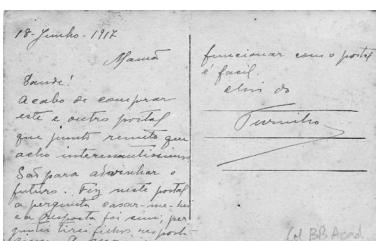
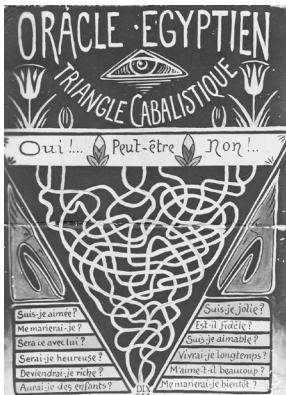
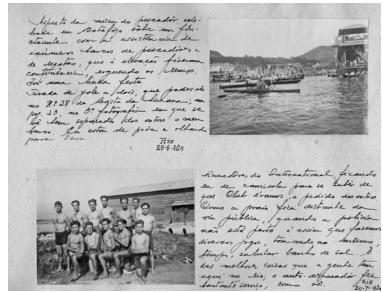
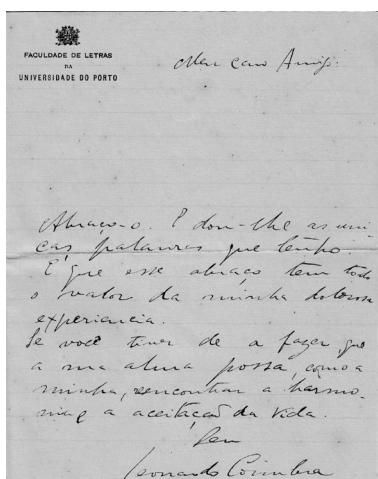
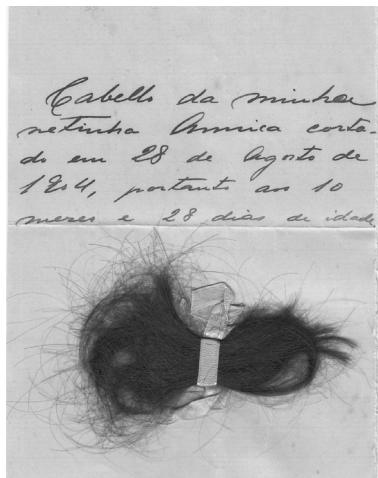
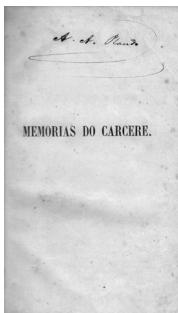
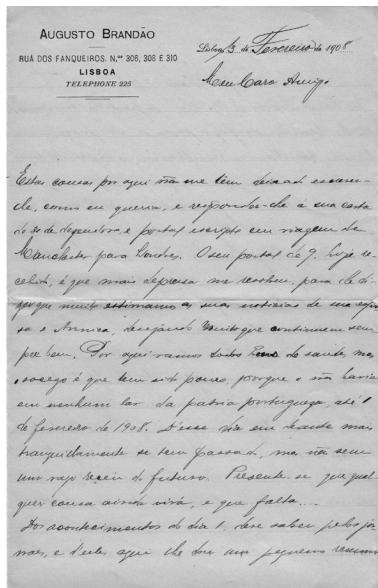


Índice

Leonel	9
Clarinha	163
Epílogo	177



Leonel



01

[SÁBADO, 07.10.2000]

– Camões, imortal Camões! Grande vate português! Vias mais c'um olho só, do que nós com todos três!

A irreverente quadra que acabava de ouvir, enquanto descia do primeiro andar, onde o patrão me tinha mandado buscar um monumental exemplar de *Os Lusíadas*, supreenderia certamente algum intelectual que entrasse pela primeira vez na loja e desse com as conversas e a boa disposição que aos sábados de manhã animam a Corandel, em lugar do silêncio e da circunspeção que normalmente associamos às livrarias antiquárias.

– Quatro versos em redondilha maior! A escolha casa perfeitamente com o poeta e com a época dele, Sr. Eduardo! Esta livraria é uma universidade...

O comentário com que o Sr. Oliveira brindou a escolha métrica não me passou despercebido, aprendo sempre alguma coisa com este cliente. O patrão também tem por ele uma consideração especial, mas, neste momento, está mais interessado em mostrar a obra que adquiriu na semana passada:

– Põe aqui em cima do balcão, Leonel. O sr. dr. traz quatrocentos contos no bolso e quer livrar-se deles. Ora faça o favor de apreciar a qualidade da mercadoria!

O Dr. Fonseca deitou imediatamente as mãos ao pesado volume, não fosse ter interesse nele e ver-se ultrapassado por algum dos presentes. Era um belo exemplar da luxuosa edição que Emílio Biel mandara imprimir na tipografia lipsiana de Giesecke & Devrient, em 1880, a assinalar o terceiro centenário da morte do poeta. O *Tripeiro* diz que as gravuras foram todas abertas em aço e que levaram seis meses a fazer, também na Alemanha, e ainda que custaram à volta de 260 libras, à época uma pequena

fortuna. Mal sabia o editor que em 1916, ao abrigo da lei sobre os inimigos do país, viria a ser negado aos seus descendentes o direito de cá continuarem a residir. A morte poupou-o a esse desgosto, porque o levou no ano anterior. O patrão foi elogiando o bom gosto e o cuidado com que foi feita esta edição da obra, que merece lugar de destaque em qualquer camonianiana.

– Há quem diga que o Emílio Biel fez isto para agradecer ao país para onde emigrou em 1857, quando não tinha ainda completado os 20 anos. Não se poupou a despesas, a encadernação é luxuosa, a qualidade do papel e a impressão são luxuosas, as gravuras a mesma coisa. E entregou ao José Gomes Monteiro a introdução e a revisão do texto.

– Quem era esse?

O Dr. Fonseca fez distraidamente a pergunta, enquanto se debruçava para inspecionar o que lhe parecia ser uma imperfeição.

– O que é que foi, viu alguma cagadela de mosca? Olhe que os defeitos vão de graça, não esteja preocupado!

A Corandel é uma livraria antiquária e alfarrabista, e é esta segunda parte do negócio que traz à loja muitos clientes que gostam de ler, mas não ligam à bibliofilia. Os outros, que se interessam pelo livro raro e antigo, dividem-se consoante as posses e o conhecimento. O patrão tem consciência de que é reduzida a probabilidade de vender este exemplar ao Dr. Fonseca, que ultimamente só tem olhos para a camiliana. Ainda assim, gosta de mostrar as coisas boas que vão entrando e lá lhe explicou que José Gomes Monteiro possuía uma das maiores camonianas que então existiam em mãos privadas e que, por capricho do destino, dado o seu falecimento em 1879, foi dispersa em leilão no próprio ano do tricentenário. Estas conversas de sábado de manhã fascinam-me e o Sr. Eduardo sabe disso, mas é também a altura em que lhe dá mais jeito mandar-me arrumar as coisas que se vão acumulando nos armazéns.

– Ó Leonel, olha que o armazém pequeno está à tua espera. É preciso fazer a colação daquela *Seara Nova* que entrou, para saber quais são as faltas, a ver se conseguimos fazer um conjunto completo. E põe também ordem na *Vértice* e nas outras revistas que por lá andam, porque aquilo está um caos. O sr. dr. está demorado e não quer que tu te atrases.

Passei o resto da manhã a organizar as revistas que se amontoam no armazém da rua das Oliveiras. A maior parte do que por lá temos veio de bibliotecas compradas após o falecimento de quem as reuniu, às vezes para simplificar as partilhas, ou então porque quem ficou tinha outros gostos. No meio dos livros encontram-se com frequência notas e outra papelada efémera, que quase sempre me despertam interesse. Teria preferido continuar na loja a escutar a conversa, mas também gosto de ter nas mãos estes testemunhos de vidas já desaparecidas, fragmentos de memória que muitas vezes evoco mais tarde, quando me deixo levar pela fantasia.

Comecei a trabalhar na Corandel em 1997 e estou cá há cerca de três anos. Interrompi a licenciatura em Literaturas Comparadas, que estava a tirar em Lisboa, porque queria escrever um romance ligado a vidas reais e achei que não poderia ficar satisfeito com o resultado sem uma experiência de trabalho no mundo dos livros. Foi uma sorte ter vindo cá parar, porque o mundo mágico das livrarias antiquárias e alfarrabistas é bem mais rico e interessante do que o ambiente dessas outras em que os escaparates são povoados à consignação, conforme o sucesso das vendas. Hei de retomar os estudos, mas, por enquanto, vou gostando mais do que tenho aprendido neste emprego.

02

[SEGUNDA-FEIRA, 09.10.2000]

Ouço o que me estão a ditar e lanço as frases ao papel, mas não aquelas exatas que vou ouvindo, porque a essas falta quase sempre harmonia, às vezes falta até sentido, atropelam-se umas às outras quando se contradizem. Levanto a cabeça e olho para quem mas ditou, à procura da verdade ou da mentira, da alegria ou da tristeza, e por aí fico a saber o que verdadeiramente querem dizer. É então que escolho as palavras e elas saem à feição, severas quando há mágoa nas almas e o olhar duro de quem as dita se crava no meu, ou doces quando vejo que os lábios se lhes arqueiam num sorriso. Depois de irem embora e enquanto não aparece mais alguém que precise dos meus serviços, imagino-me no lugar de quem passa diariamente por ali e me vê sentado a escrever cartas a rogo, a tábua pousada nas pernas, a servir de secretária, os olhos a levantarem-se para a pessoa que tenho à frente e a regressarem depois ao papel. Vejo-me sentado num pequeno banco de abrir, a um canto da estação de comboios, como me veria um viajante que olhou casualmente para mim ao passar do átrio para o cais, ou um recém-chegado que acabou de desembarcar apressado, olhando-me apenas de relance. Deixo voar a imaginação, avanço no tempo e vejo alguém a ler aquelas cartas, um rosto a fechar-se em desagrado ou a abrir-se com alegria, e penso no enorme poder das palavras. Por elas se vive e se morre, por elas se ama e se odeia.

– Ó Leonel, vai a S. Bento entregar esta encomenda ao Sr. Oliveira, que segue para a Régua no comboio do meio dia!

A ordem do patrão arrancou-me aos meus pensamentos. Ao princípio da manhã há sempre menos que fazer na livraria e eu tenho tempo para divagar ou para ler, se não houver livros para arrumar ou encomendas para despachar.

– Vou sim, Sr. Eduardo.

A fantasia de escrever cartas a rogo anda-me na cabeça desde que há tempos me veio ter às mãos uma que foi enviada do Rio de Janeiro em 14.11.1927. Julgo que dificilmente teria sucesso se me dedicasse a esse ofício nos dias de hoje, mas não posso deixar de pensar no poder de quem o exercia, tão bem retratado num filme recente chamado *Central do Brasil*, que vi haverá uns dois anos cá no Porto, porque já estava na Corandel quando ele se estreou. Lembrei-me dele assim que encontrei esta carta no meio das coisas que pertenceram a um professor chamado Luís Cardim, sobretudo correspondência e documentos diversos, incluindo alguns livros, tudo à mistura num caixote de papelão guardado no armazém grande. As letras redondas e bem desenhadas revelam-nos a existência de uma mulher chamada Amélia de Carvalho, que deixou Portugal na esperança de fugir à miséria, vidas que nas mais das vezes passaram sem deixar rasto. Desta mulher da Lixa que emigrou para o Brasil, ao menos, sobreviveram algumas linhas que nos contam parte da sua história, dos sonhos e das preocupações que lhe encheram os dias. Devia ser grande o aperto no coração daquela mãe que deixou no Porto os dois filhos pequenos, recomendados aos cuidados da protetora a quem agora se dirigia, em frases mal alinhavadas:

“Menina Anita,

Hoje mesmo mando lançar a mão na pena para saber de sua saúde estimo que estejam todos gozando perfeita saúde em companhia de todos. Não esquecendo da minha filha nem o meu filho, graças a Deus tive muito boa viagem e estou com saúde felizmente peço à menina, pela sua boa sorte que olhe para os meus filhos, não se esqueça de recomendar ao António

para estudar quando lá for recomende sempre que ele estude para aprender e levar a vida dele, que um dia se puder o mando vir para essa terra mas é preciso que ele aprenda a escrever e ler bem mas ainda não sei quando será, mas é para o animar para ver se ele aprende bem, a menina não se esqueça quando puder dar umas lições à Emília que eu sei a falta que me faz se eu soubesse escrever, escrevia logo que aqui cheguei e assim é só quando tenho quem me escreva. António estimo que estas duas letras te vão encontrar em perfeita saúde e eu estou boa graças a Deus, peço-te que me escrevas e que me mandes dizer se já aprendeste muito na arte em que te ocupam – peço-te que faças por aprender bem e faças por ser sempre um bom menino que todo o bem será para ti, para tu poderes levar a tua vida, tu bem sabes que não posso te auxiliar com isso termina. Aceita um apertado abraço desta tua mãe que a vida te deseja e muitas felicidades.

Direção – Rua Goiás n.º 210

Estação do Encantado.

Com isso não enfado mais saudades para todos e a menina recebe de mim um abraço muitos beijinhos para a Emilia. Dessa sua amiga Amélia de Carvalho que a vida lhe deseja por muitos anos. Não se esqueça mais uma vez lhe recomendo que a menina não se esqueça de pedir ao diretor ou a quem a menina muito bem entender para ensinar ao António.”

Por ironia do acaso, ou talvez não, deu por direção o bairro do Encantado. Pode ter sido pelo nome que encaminhou para ali os passos à procura de casa onde servir, não é preciso saber ler e escrever para perceber que era essa a palavra que queria ver ligada ao seu destino.

– Vais ainda hoje, ó Leonel?

Meto a encomenda debaixo do braço e saio a caminho da estação de S. Bento. A livraria abre às 9h, mas os melhores clientes raramente aparecem pela manhã. Sigo pela rua das Oliveiras em direção ao Moinho de Vento, de lá descerei por Santa Teresa e rua da Fábrica, quando chegar lá abaixo estarei à vista da estação. As obras de pura ficção nunca me interessaram por aí além, aquilo que mais me atrai é o rastro de mistério deixado por algumas vidas reais. A cada passo, durante o arrumo da livraria, tenho nas mãos papelada que o patrão não valoriza: cartas, agendas, notas de viagem e outras coisas a que o Sr. Eduardo não liga, porque dificilmente encontram comprador. Essas cartas de gente desconhecida e outros manuscritos bastam-me para dar asas à imaginação, gosto de tentar descobrir a história das suas vidas e de as imaginar ao contrário, o choro e a solidão transformados em riso e calor humano.

03

[TERÇA-FEIRA, 10.10.2000]

Tenho nas mãos um grupo de postais que trouxe para baixo e que andavam há anos no fundo dum armário, no que julgamos ter sido antigamente a cozinha da casa, um pequeno espaço a que também chamamos a “sala da música”, por ser lá que se encontra a estante onde reunimos partituras e outras obras desta temática. A livraria tem duas salas no rés do chão, uma interior, na parte de trás, e a loja onde se atendem os clientes. Um estreito corredor lateral, forrado de estantes, liga a loja a uma casa de banho com a mesma largura, onde há uma sanita e um pequeno lavatório. À direita, logo no início do corredor, há uma escada para o primeiro andar. Ao cimo, à direita, há uma sala grande com duas janelas para a rua e, à esquerda, outro corredor estreito que dá acesso a três pequenas divisões, tendo a última por anexo o tal espaço que terá servido em tempos como cozinha e que inclui outra pequena casa de banho, há muito desativada.

Não faltaria que contar a estas divisões, porque a casa serviu como bordel antes de se instalar cá a livraria, em 1916, quatro anos após a sua fundação. Já tinha visto lá os postais por várias vezes, mas são em geral feiotes. O sr. Eduardo diz que não se deve passar pelas coisas sem lhes prestar atenção, mas este lote tem sido uma exceção à regra. Espalharam-se ao arrumar uns livros dentro do armário e um deles despertou-me interesse, por mostrar um oráculo que responde a perguntas sobre o futuro, conforme a escolha que fizermos à partida. Muita gente diria que na vida real também é assim, mas acho que alguns já vão a meio do caminho quando dão por si, não tiveram uma palavra a dizer nas escolhas que os levaram até ali. Ou então, o oráculo que lhes coube estava viciado e nos fins de caminho havia apenas más surpresas.

É talvez o único postal interessante do conjunto, é pena não ter sobrevivido melhor à passagem dos anos. Está pouco limpo e tem uma dobra a meio, pode ter andado no bolso ou então ficou entalado no meio de dois livros. Escolhemos a pergunta a fazer, seguimos o percurso de baixo para cima e encontramos a resposta: Sim, Talvez, ou Não. As perguntas sugeridas eram as que andavam então na cabeça da maioria das raparigas: Serei amada?, Casar-me-ei?, Será com ele?, etc. Vê-se que serviu o seu propósito, porque ficaram lá marcas de lápis a confirmá-lo. Volto-o e vejo que está escrito no verso por alguém que o mandou à “mamã” em junho de 1917: “Acabo de comprar este e outro postal que junto remeto, que acho interessantíssimos. São para adivinhar o futuro. Fiz neste postal a pergunta casar-me-ei e a resposta foi sim; perguntei terei filhos, resposta sim.” A terminar, um “chi do Turinho” que me deixa pregado ao chão! Será possível? O que tenho nas mãos é um postal enviado de França pelo Capitão Artur de Barros Basto durante a Primeira Guerra Mundial! Não tenho dúvidas disso, porque a primeira obra que li quando entrei para a livraria foi uma biografia recém-publicada, que transcreve algumas cartas dele para a mãe, assinadas desta forma!

A coragem de que deu mostras nesses campos da morte valeu-lhe a promoção ao posto de capitão e uma condecoração por bravura, mas foi afastado da carreira militar por uma denúncia anónima que ligou o seu nome à prática de “atos imorais” no Instituto Teológico Israelita. Se não fosse a assinatura, estaria longe de pensar que isto foi escrito por um homem que comandou as tropas nas trincheiras, que fundou a sinagoga do Porto e que se dedicou de alma e coração à integração dos criptoíudeus, a causa que esteve na origem do processo que o abateu. O oráculo não tinha perguntas que pudessem avisá-lo da infâmia que

o destino lhe reservava, mas acertou nas respostas àquelas que lhe foram feitas, casou e teve filhos. Afinal, os postais estavam todos relacionados com ele, embora os restantes tivessem outros remetentes. Por alguns minutos fiquei desligado de tudo o que estava à minha volta, é por descobertas como esta que eu gosto de trabalhar numa livraria alfarrabista.